



NOS RASTROS DA COMUNA: UMA EDUCAÇÃO ESCOLAR LAICA, EMANCIPADORA E DEMOCRÁTICA

Kalhil Gibran Melo de Lucena¹

Maria Ângela de Faria Grillo²

Resumo

A Comuna de Paris de 1871 foi uma reafirmação da tradição revolucionária parisiense, uma experiência de governo de caráter popular que construiu paradigmas e ideais relevantes de igualdade social para o mundo ocidental. Além disso, contribuiu para desnudar as atrocidades do sistema capitalista, demonstrando a capacidade política de homens e mulheres comuns, o povo. Vale destacar que seu desfecho abriu caminhos ao século XX, repleto de acontecimentos, como: a Revolução Russa e as duas Guerras Mundiais. A mesma foi a primeira experiência de governo proletário, objetivando um sonho distante na tentativa de construção de um Estado realmente democrático e uma sociedade contemporânea menos desigual. Nesse sentido, o presente artigo propõe rastrear a Comuna de Paris, com intuito de fomentar discussões no âmbito de sua proposta de modelo de educação e ensino.

Palavras-chave: Comuna de Paris, História, Educação, Ensino.

¹ Estudante de Graduação do Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, e Integrante do Grupo de Estudos em História Social e Cultural - GEHISC. E-mail: kakogibinha@yahoo.com.br

² É Doutora em História, Professora Adjunta do Departamento de História da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, e Coordenadora/Pesquisadora do Grupo de Estudos em História Social e Cultural - GEHISC. E-mail: lagrillo@msn.com



Traces of the commune: a secular, emancipatory and democratic school education

Abstract

The Paris Commune of 1871 was a reaffirmation of the revolutionary tradition of Parisian experience of a popular government that built character and ideals relevant paradigms of social equality to the Western world. It has helped to lay bare the atrocities of the capitalist system, demonstrating the political capacity of ordinary men and women, the people. It is noteworthy that its outcome opened the way to the twentieth century, eventful, as the Russian Revolution and both World Wars. She aimed a distant dream in an attempt to build a truly democratic state and a more contemporary society. In this sense, this article proposes to trace the historical episode of the Paris Commune, with the aim of raising foster reflection and discussion within their proposed model of education and teaching.

Keywords: Paris Commune, History, Education, Teaching.



Figura 1

1. Introdução

A elaboração do presente artigo foi instigada a partir do *I Colóquio de Ensino de História Contemporânea – 140 anos da Comuna de Paris*, realizado em maio de 2011 na UFRPE. Entrementes, a produção desse texto foi uma experiência altamente produtiva e satisfatória, isso porque, concedeu-me a oportunidade de fazer uma pesquisa bibliográfica que aumentou consideravelmente o meu conhecimento acerca da temática em questão. Diante das leituras que fiz acerca da Comuna de Paris (1871) foi possível constatar um projeto político que tinha tanto um viés anarquista, como socialista, embora muitos comunardos não tivessem se posicionado e muitos deles, talvez, não tivessem consciência da proposta político-social que estavam implantando.

Apresentando-se como governo da classe operária, a Comuna de Paris, se propôs a exercer seu poder em prol das massas populares. Havendo relevantes preocupações com o melhoramento da situação do povo: estabeleceu um soldo mínimo acerca do



trabalho, tomaram-se iniciativas com o intuito de proteger o trabalhador (criando espécie de leis trabalhistas), objetivou-se melhorar as condições de moradia, avenidas, ruas e de abastecimento da população. E além de tudo isso os comunardos idealizaram um pertinente projeto de reforma na educação, alicerçada numa educação democrática, gratuita, laica, universal e de qualidade.

Em suma, a Comuna teve uma existência efêmera, mas isso não diminui a sua importância na história do movimento proletariado. A experiência da Comuna de Paris de 1871 deixou paradigmas para o desenvolvimento da teoria marxista-leninista, para a história do movimento operário ocidental, e ainda mostrou que o povo não deve se limitar apenas a reclamar e ficar de braços cruzados, mas de se organizar e de agir contra qualquer forma de descaso, opressão e autoritarismo por parte do Estado.

2. A Comuna de Paris de 1871: uma revolução que comprou um passado ou que vendeu um futuro?

O escritor angolano José Eduardo Agualusa, em seu romance *O Vendedor de Passados*³, nos mostra, mesmo que indiretamente, que a História é escrita para atribuímos sentidos e significados ao nosso presente. O ofício de criar histórias e personagens de Félix Ventura para seus clientes é bem parecido a de um historiador de paradigmas atuais, da Nova História Cultural⁴, que escreve no presente e para o presente. Entrementes, investigar o processo histórico da Comuna de Paris de 1871 nos ajuda a compreender a atualidade e a levantarmos questionamentos acerca da construção de valores.

³ Obra do escritor José Eduardo Agualusa (2004) que possui dois personagens principais, um albino (Félix Ventura) e uma osga/lagartixa (Eulálio), ambos vivem num mesmo contexto e compartilham vivências, sonhos e criações. A osga busca a sua pretérita vida humana, vestígios de outra reencarnação, a fim de compreender suas emoções e reconhecer os vestígios literários e a sua aguçada percepção. O albino, Félix Ventura, vende passados para personagens importantes da camada aristocrática da sociedade angolana enquanto busca a realização de um presente para si alicerçado nos alfarrábios que lhe serviram de berço.

⁴ Segundo Peter Burke (1997) esse termo foi cunhado na terceira geração da Escola dos Annales. A Nova História Cultural na realidade não é uma escola historiográfica, mas uma possibilidade de se fazer história.



Todavia, se levarmos em consideração a fala de Eulálio, a osga do romance de Agualusa, teremos as seguintes afirmações: *“A única coisa que em mim não muda é o meu passado: a memória do meu passado humano. O passado costuma ser estável. Está sempre lá, belo ou terrível, e lá ficará para sempre.”* Dessa forma, é possível observar-se que a idéia de passado/História para Eulálio é bem característica ao período de propagação do Século das Luzes, final do século XVIII e século XIX, ou seja, uma História que se alicerçava num passado pronto e acabado, uma verdade absoluta, uma história blocada caracterizada com ideais do Positivismo, da Escola Metódica e do Marxismo. Sobre os oitocentos, século que acontece a Comuna de Paris de 1871, o historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior elucida que:

No século XIX, a nação, a civilização e a revolução eram razões de história. O discurso historiográfico adquiria sentido, a institucionalização do fazer história ganhava um objetivo estratégico que era o de recuperar o passado nacional, o passado da civilização ou mesmo o passado que precisava ser revolucionado. Por isso era tão importante saber a História da França, de sua civilização e de sua revolução. (JÚNIOR, 2007, p. 57).

Corolariamente, fazendo-se um trocadilho com a obra de Agualusa, pode-se ter em mente as seguintes indagações: a Comuna de Paris comprou um passado à Revolução Francesa, legitimando-se a partir dos princípios universais de liberdade, igualdade e fraternidade? Ou vendeu um futuro ao século XX, com um modelo de gestão de Estado laico, emancipador e democrático? Para refletir acerca desses questionamentos se faz necessário conduzir-se ao passado margeando a história da Comuna de Paris. Sendo assim, buscando afirmações, análises e reflexões, no que já foi escrito acerca da Comuna, tentaremos analisar e compreender suas rupturas e suas permanências.

Para se entender melhor o panorama historiográfico da Comuna de Paris de 1871, torna-se essencial visualizar-se que a política externa de Napoleão III arrastou a França para uma guerra com a Prússia, em 1870. Nesse ínterim, a derrota na guerra franco-prussiana destruiu o império de Napoleão III, sendo instituído um governo provisório na capital francesa, liderado por Adolfo Thiers.

Todavia, o novo governante francês permitiu a entrada dos prussianos em Paris,



gerando a fúria dos parisienses, que com a Guarda Nacional, haviam defendido a capital francesa durante o assédio prussiano de 1870. Entrementes, os grupos subalternos da sociedade parisiense rebelaram-se e criaram um autogoverno chamado de “República da Guarda Nacional”.

Diante desse cenário, em março de 1871, os comunardos⁵ organizaram o governo revolucionário conclamando os camponeses e todo o povo parisiense que comungasse com esse ideal de libertação social e política. A Comuna de Paris foi idealizada por grupos socialistas, comunistas e anarquistas, que controlaram a cidade de Paris por algumas semanas. Porém, mesmo sendo um movimento revolucionário efêmero, foi considerado por Karl Marx⁶ como a primeira revolução da classe operária.

A Comuna era, essencialmente, um governo da classe operária, fruto da luta da classe produtora contra a classe apropriada, a forma política enfim descoberta para levar adiante, dentro de si própria, a emancipação do trabalho. (...) A dominação política dos produtores é incompatível com a perpetuação de sua escravidão social. Portanto, a Comuna teria de servir de alavanca para extirpar o cimento econômico sobre o qual descansa a existência das classes e, por conseguinte, a dominação de classe. (MARX, 1986, p.83)

Ao ler-se acerca da Comuna é possível perceber que ela representou a descoberta de uma fórmula política que poderia levar à emancipação econômica do trabalho, o exemplo da possibilidade de realização de um sonho. Os comunardos ao forjarem esse movimento estimularam a esperança dos parisienses, que idealizavam um mundo mais justo, onde existisse uma universalização dos direitos ao Estado, e que além de tudo fosse possível instaurar um governo de caráter popular, democrático e participativo. Marcelo Badaró Matos, professor do Departamento de História da Universidade Federal

⁵O termo *comunardos* pode ser designado como o assalto dos operários ao poder. Os comunardos foram mulheres e homens que resistiram ao projeto burguês de sociedade baseado na exploração do trabalho de muitos e na acumulação de um grande volume de capital por poucos.

⁶Segundo Marcelo Badaró Matos (2010), Karl Marx observou os acontecimentos da França de 1871 e extraiu deles considerações e conclusões profundas em relação à dinâmica social, assim como das diretrizes econômicas e instituições políticas. Para Marx, a França era um interessante laboratório de provas para suas teorias, uma vez que era o núcleo dos movimentos sociais que convulsionavam a Europa, palco de uma luta prolongada entre as forças da burguesia contra o proletariado.



Fluminense, nos explica de forma relevante que:

Quanto ao caráter proletário da Comuna, partindo-se do fato de outros movimentos revolucionários da França terem, desde 1789, mobilizado os trabalhadores manuais, é preciso definir a especificidade de 1871. Em primeiro lugar, tratava-se de uma classe trabalhadora com perfil distinto, pois que seu núcleo central de artesãos passava já por um estado avançado de proletarização e o número de operários industriais típicos vinha se elevando progressivamente. Além disso, se a revolução de 1848 demarcou claramente um caminho de conservação da ordem para a burguesia, que se distanciava assim definitivamente do impulso revolucionário, a Comuna de 1871 será o primeiro movimento revolucionário em que a classe trabalhadora está não apenas na linha de frente, mas assume o comando do processo. Este foi o ponto central a mobilizar o esforço de análise de Karl Marx para avaliar a Comuna ainda no calor dos acontecimentos. (MATTOS, 2010, p.105 e 106)

Buscando, ainda, pensar acerca da Comuna de Paris de 1871, se faz pertinente analisar que, enquanto a Grécia Antiga deixou ao mundo ocidental sua herança fortemente marcada na Filosofia e nas Artes e a Roma Antiga no Direito, a França Contemporânea fornecerá paradigmas basilados em seu relevante histórico revolucionário, e isso principalmente a partir de sua Paris. É difícil achar na História ocidental uma cidade como Paris, com tanta história revolucionária para contar. No decorrer dos séculos XVIII, XIX e XX, ela foi palco de pertinentes lutas que causaram rupturas significativas nos rumos dos acontecimentos mundiais.

Esse viés revolucionário parisiense teve seu ápice com a Revolução Francesa⁷, que inspirou o Ocidente, por exemplo, a partir da Declaração Universal dos Direitos

⁷ Segundo Michel Vovelle (2007) a Revolução Francesa foi influenciada pelos ideais do Iluminismo e da Independência Americana - 1776, sendo considerada o marco inicial da Idade Contemporânea. Sua relevância se mostrou imponente por ter enfatizado o término dos privilégios da nobreza e do clero na França. Seu episódio histórico se caracterizou como um passo importante para motivar outros movimentos revolucionários, proclamando os princípios universais de igualdade, liberdade e fraternidade. No livro *A Revolução Francesa explicada à minha neta*, o desafio de Michel Vovelle, um dos mais conhecidos historiadores franceses contemporâneos, é explicar a complexidade e as contradições da Revolução, uma das principais da humanidade, para sua neta, uma garota de 14 anos. É muito habilidosa a forma como ele consegue levantar questionamentos sobre os principais momentos históricos da Revolução Francesa, fazendo comentários, de maneira didática e agradável, sendo todo o livro redigido na forma de diálogo.



do Homem e do Cidadão, objetivando uma perspectiva com base na esperança de eliminarem-se as desigualdades sociais e o acúmulo de riquezas de alguns poucos.

Entretantes, diante desse relevante cenário histórico, ocorrido no final do século XVIII, a camada da sociedade que mais se apresentou inconformada e ao mesmo tempo revolucionária foi a base, o povo. Assim, buscando forças e motivações para lutar contra as adversidades *o povo de Paris*⁸ mostrou-se resiliente e guerreiro, um espírito de mudanças enalteceu com muita propriedade o orgulho revolucionário emancipador. Conseqüentemente, a Revolução Francesa servirá de modelo à outras revoluções, como por exemplo, a Comuna de Paris de 1871.

Observa-se que a participação popular é uma constante na história francesa, assim pode-se dizer que a Comuna de Paris traz grandes permanências em relação à Revolução Francesa. O apoio do povo de Paris ao governo jacobino é decisivo para a vitória da revolução frente ao absolutismo e a Igreja, no final do século XVIII. Contudo, percebe-se que a Comuna é uma reafirmação da tradição de parisienses revolucionários. O cientista político Sílvio Costa nos diz que:

O desencadeamento e radicalização do processo revolucionário da Comuna de Paris remontam a 14 de julho de 1789, quando as classes populares famintas e revoltadas invadem e dominam a Bastilha, forte/prisão símbolo do poder real absolutista. Este acontecimento marcará profundamente o caráter assumido pela luta de classe na França e significa a irrupção das classes populares nas disputas políticas, defendendo reivindicações sintetizadas no lema liberdade, igualdade e fraternidade. (COSTA, 1998, p.76)

⁸Daniel Roche (2004), em sua obra *O Povo de Paris*, traça um perfil da vida cotidiana do povo parisiense no século XVIII - o momento histórico da Revolução Francesa. O autor trabalha com os modos de habitação, alimentação, vestuário, economia doméstica, o papel da leitura e o confronto do povo contra o poder central. Segundo ele, o povo são as classes assalariadas de então: operários, trabalhadores da indústria e do comércio e os criados. Que, além de forjarem um lugar na história, obrigaram o futuro a mudar. Daniel Roche se debruça em fontes como os registros de tabeliães, que se apresentam como um vasto campo de investigação da história social. Sem dúvidas, a Revolução Francesa foi um período turbulento e de transformações incomuns que deixou marcas. Quando ela chegou ao fim, as condições de vida dos parisienses podiam não ser melhores, mas eram consideravelmente diferentes.



Analisa-se, portanto, que mesmo acontecendo num momento de afirmação da sociedade capitalista, a Comuna de Paris tornou-se um símbolo e um marco de que a construção de uma sociedade, que objetiva ser fraterna e igualitária, não se constitui apenas como algo incipiente, mas como uma possibilidade real, urgente e necessária. Nesse sentido, a Comuna assume papel de destaque, não só para as classes populares e para o proletariado francês, mas para o mundo.

A Comuna de Paris foi um evento revolucionário bastante significativo para a História ocidental, todavia percebe-se que ela é pouco difundida na historiografia. No Brasil, por exemplo, os livros didáticos enfatizam muito mais acontecimentos históricos que lhe precederam ou lhe sucederam, como no caso da Revolução Francesa, da Unificação alemã e italiana, da Primeira e Segunda Guerra Mundial. Entrementes, é possível observar a importância da Comuna de Paris na democratização da Educação, por exemplo. E isso a partir das palavras escritas por um dos mais renomados e expressivos pensadores ocidental, o alemão Karl Marx:

Uma vez desembaraçada do exército permanente e da polícia, elementos da força física do antigo governo, a Comuna estava desejava de quebrar a força espiritual de repressão, o “poder dos curas”, pelo desmantelamento e expropriação de todas as igrejas enquanto corpos dominantes. Os padres foram devolvidos aos retiros da vida privada, para terem aí o sustento das esmolas dos fiéis, à imitação dos seus predecessores, os apóstolos. Todas as instituições de educação foram abertas ao povo gratuitamente e ao mesmo tempo desembaraçadas de toda a interferência de Igreja e Estado. Assim, não apenas a educação foi tornada acessível a todos, mas a própria ciência liberta das grilhetas que os preconceitos de classe e a força governamental lhe tinham imposto. (MARX, 1986, p.134)

Pode-se concluir que a Comuna de Paris de 1871 mostrou-se como um episódio inédito na História política da Europa, observa-se que ela não objetivava destruir o Estado, mas universalizar o acesso a ele, arrancando-o do controle de uns poucos privilegiados e colocando-o a serviço do bem comum. É possível, até mesmo, visualizar-se reflexos da Comuna de Paris aqui no Brasil, segundo Marcelo Badaró Matos (net), no início do século XX, a Comuna já estava definitivamente incorporada aos referenciais do movimento operário brasileiro. Nos jornais anarquistas, é comum encontrar a Comuna



como um marco positivo, no sentido do seu significado.

Conclui-se, porém, ser inegável que a Comuna tenha provocado um impacto neste processo, a partir do momento em que estabeleceu, do ponto de vista dos horizontes da luta de classes naquela conjuntura brasileira, uma primeira associação histórica concreta entre as lutas internacionais dos trabalhadores e o socialismo (particularmente na versão de Marx). Mas, principalmente, pela possibilidade de um governo de classe dos trabalhadores como instrumento da luta dos trabalhadores pela superação da sociedade de classes. (MATTOS, 2010, p.113-114)

Diferente de Eulálio, a osga do romance de Aqualusa, que havia sido um ser humano comum que viveu quase um século na pele de homem sem se sentir inteiramente humano e que lamenta dos quinze anos com a alma presa ao corpo de lagartixa, a Comuna de Paris possui sua alma liberta para se orgulhar de sua efêmera e rica existência, servindo de modelo para outras revoluções e deixando suas marcas positivas até nossos dias. A Comuna configura-se como um grande exemplo de busca pela liberdade e pela igualdade social, através da conquista do povo. E isso pode ser percebido a partir da fala de um dos personagens da obra de Bertolt Brecht, *Os Dias da Comuna* (Teatro Completo):

Mas a liberdade das comunidades de Paris é a libertação de todas as comunidades de República! Nossos adversários afirmam que demos um golpe na República. Damos um golpe sim: como numa estaca, que a gente faz penetrar mais profundamente na terra! *Aplausos*. A República da grande revolução de 1792 foi um soldado; a República da Comuna será um operário que antes de mais nada necessita de liberdade para tornar a paz produtiva. (BRECHT, 1993, p.63)

Em suma, a Comuna de Paris representou a força do proletariado/povo e sua capacidade de agir em conjunto para resolver com as suas próprias iniciativas tudo que lhe fosse de seu interesse direto ou indireto. Porém, a pressa e a precipitação dos comunardos fez com que a Comuna durasse apenas cerca de dez semanas. A desorganização e ansiedade desses revolucionários, além do excesso de democracia da Comuna, fizeram com que



Karl Marx os chamassem de “assaltantes do céu”⁹.

3. A educação e o modelo de ensino da Comuna de Paris de 1871



Figura 2

Observa-se, na contemporaneidade, que a sociedade ocidental é bastante desigual. E diante dessa perspectiva, percebe-se que enquanto muitas pessoas têm apenas o essencial para a sua sobrevivência, outras, uma minoria abastada, possuem melhor situação em relação à saúde, educação, moradia e condições favoráveis à atividades culturais e intelectuais privilegiadas.

Entretantes, foi diante desse cenário, parecido com o que ainda acontece no mundo atual, que os comunardos se rebelaram, denunciando as injustiças sociais no âmbito econômico, político, cultural e educacional, além de desejarem uma sociedade efetivamente sem classes.

⁹ Horacio Gonzales (1989) nos diz que essa expressão foi criada por Marx. O pensador alemão empregava-a para designar os movimentos que contavam com muita energia revolucionária, mas com pouca propensão para a análise das condições objetivas da sociedade. Para Horácio Gonzales, o termo “assaltantes do céu” soa como uma crítica e um elogio ao mesmo tempo, mas Marx não costumava ser ambíguo, porém, Gonzales afirma que a Comuna obrigou-o que o fosse.



O governo da classe operária seria então a alavanca para a superação da dominação de classes, servindo de instrumento para a supressão das bases econômicas da subordinação do trabalho ao capital. As medidas sociais da Comuna – a proibição da redução de salários e a entrega às organizações operárias das fábricas fechadas pelos patrões, entre outras medidas de âmbito mais restrito, teriam se constituído em passos na direção do socialismo. (MATTOS, 2010, p.107)

É importante se ter em mente que do ponto de vista de um modelo de ensino característico e idealizado pelos comunardos, a Comuna findou não tendo tempo suficiente para concretizá-lo, haja vista ela ter tido um tempo tão efêmero.

Porém, o que se percebe é que ela pretendeu realizar uma reforma socialista e universalizante da escola, de uma instrução integral que tendia a formar homens e mulheres completos, buscando desenvolver com harmonia todas as necessidades de ligação de uma cultura intelectual, à uma cultura física e ao ensino técnico.

Foi diante de uma expectativa que visava construir uma sociedade que atendesse as necessidades dos setores populares que a Comuna de Paris assentou as suas bases de propostas. Uma antiga proposta, inspirada na Revolução Francesa, de um ensino público, gratuito, laico e obrigatório seria retomada como uma das dimensões que atendessem as necessidades dos cidadãos parisienses.

É interessante perceber o quanto os comunardos valorizavam um ensino no qual se aprendiam com prazer e sem as amarras da doutrinação religiosa. Assim, o aluno deixava de ser apenas um coadjuvante, para tornar-se a figura central e principal no processo de ensino-aprendizagem.

A redefinição dos objetivos educacionais e da escola consta do Artigo XI da Proclamação, estando assim redigida: “Artigo XI – É abolida a ESCOLA VELHA. As crianças devem se sentir como em sua casa, aberta para a cidade e para a vida. A sua única função é a de torná-las felizes e criadoras. As crianças decidem a sua arquitetura, o seu horário de trabalho, e o que desejam aprender. O professor antigo deixa de existir: ninguém fica com o monopólio da educação, pois ela já não é concebida como transmissão do saber livresco, mas como transmissão das capacidades profissionais de cada um. (LOMBARDI, 2002, p.80)



Pode-se constatar que entre os ideais para a construção de um modelo de ensino para a educação da Comuna de Paris estava um paradigma centrado no aluno, um discente autônomo e independente. Outra questão é que ao lermos acerca da Comuna de Paris podemos visualizar que uma de suas primeiras medidas foi a separação abrupta da Igreja do Estado, sendo assim, no plano educacional não foi diferente, e rapidamente o ensino público de instrução religiosa foi excluído para se dar lugar a um modelo mais democratizante, que valorizasse a coletividade e a realização pessoal. Diante desse contexto, os comunardos levantaram a bandeira de uma educação revolucionária que objetivava um caráter essencialmente socialista, baseada numa escola integral, universal e politécnica¹⁰.

Em matéria de ensino, a Comuna deu-se por tarefa inicial erradicar da escola, em todos os níveis, tanto a influência clerical-religiosa, que incitava os homens, desde a sua infância, a submeterem-se ao seu destino, quanto à influência da moral burguesa. O ensino religioso nas escolas tinha sido reforçado depois do fracasso da insurreição operária de junho de 1848: “Não se pode salvar a propriedade senão através da religião, que ensina a carregar docilmente a cruz”. (COGGIOLA, 2002, p.53)

Como se vê a influência marcante da Igreja sobre os parisienses fazia com que os cidadãos, desde a sua infância, fossem fortemente influenciados a serem pacatos, a aceitarem as dificuldades constantes impostas pelas ordens burguesas da maneira mais natural possível. Contudo, os comunardos puderam abrir os olhos e se indignaram contra essa situação, criticando conscientemente a falsidade de um ensino regido por uma instituição, a Igreja, que manipulava as mentes e difundia nos indivíduos o “amor ao próximo” com o objetivo de aliená-los.

Segundo Erson Oliveira, professor de Literatura e Redação da PUC/SP, o Estado e a Igreja objetivavam manter de toda maneira a antiga relação de domínio, adaptadas ao capitalismo, buscando garantir a influência da religião sobre o ensino:

¹⁰ O professor da PUC/SP Erson Oliveira (2002), nos explica que a politecnia não pressupunha alcançar conhecimentos enciclopédicos, ao contrário, objetivava que todo homem pudesse conhecer os princípios gerais da ciência e suas principais aplicações nos diversos ramos da indústria; devia-se conhecer igualmente o emprego dos instrumentos e meios comuns a um grande número de profissionais.



A divisão social do trabalho capitalista mostrou-se completamente incompatível com os ideais de formação integral. As transformações concebidas e implantadas pelo Estado burguês na estrutura do ensino correspondiam à necessidade do capital, da qualificação da força de trabalho de acordo com as necessidades da indústria em desenvolvimento, da produtividade e, portanto, de como melhor explorar as massas trabalhadoras. (OLIVEIRA, 2002, p.59)

Observa-se, portanto, que os comunardos tinham em mente que esse ensino religioso era conivente com o sistema capitalista, que a partir da indústria e o do comércio lançavam os cidadãos numa concorrência desenfreada pela sobrevivência. Entretanto, a proposta dos comunardos era o desenvolvimento das bases de uma educação pública e nacional, estabelecendo-se princípios que dariam a educação um caráter popular, convertendo-a em direito a todos os homens e garantido pelo Estado.

Conseqüentemente, a reforma do ensino idealizada pelos que integraram a Comuna de Paris assegurava a todos a verdadeira base da igualdade social, uma instrução integral em que cada cidadão tivesse o direito e o acesso à aprendizagem e ao exercício da profissão para a qual se sentissem dispostos e tivessem aptidão.

Diante dessa perspectiva, foram idealizados estabelecimentos de ensino melhor apropriados a um modelo de escola que atendesse tanto a formação intelectual quanto a profissional, onde cada educando, ao mesmo tempo em que tivesse a oportunidade de participar de um processo de ensino-aprendizagem de uma profissão, também completasse sua instrução científica e literária.

A proposta dos comunardos para educação visava modificar uma realidade limitada e excludente, sendo assim, a Comuna tomou um conjunto de decisões e medidas que procuraram redefinir os objetivos educacionais e da escola, tais como: a abertura de todas as instituições de ensino gratuito ao povo, a emancipação da interferência da Igreja e do Estado, a organização do ensino primário e profissional, a busca pela integração entre educação e trabalho e a instrução educacional para as mulheres.



Assim, foi criado pelo delegado do Ensino, o comunardo Edward Vaillant¹¹, uma comissão com o objetivo de dar suporte à Delegação de Ensino no sentido de organizar o ensino primário e profissional de forma universal, além de desfazer-se de um ensino religioso em favor de um laico.

A Delegação do Ensino da Comuna proclamou, a 17 de maio de 1871, sob a assinatura de Edouard Vaillant: “Considerando que é importante que a Revolução Comunal afirme seu caráter essencialmente socialista por uma reforma do ensino, assegurando a todos a verdadeira base da igualdade social, a instrução integral a que cada um tem direito e facilitando-lhe a aprendizagem e o exercício da profissão para a qual o dirigem seus gostos ou aptidões. Considerando, por outro lado, que enquanto se espera que um plano completo de ensino integral possa ser formulado e executado, é preciso decretar as reformas imediatas que garantam, num futuro próximo, essa transformação radical do ensino”. (COGGIOLA, 2002, p.53)

Como já foi dito, a Comuna objetivou, na sua breve existência, uma relevante democratização e laicização do ensino, e esse fator acabou por influenciar diretamente a Revolução Russa de 1917, por exemplo. Percebe-se que ela inspirou-se na Comuna a partir do momento que tentou implantar uma integralização da educação com o processo de produção, apoiando-se no princípio que o trabalho produtivo precisa servir como fundamento para a vida escolar, sendo a educação e a escola instrumentos de viabilização de cunho socialmente necessário. A escola sendo em sua essência vinculada ao processo laboral.

É possível observar-se que o planejamento dos comunardos para a Educação tinha por idealização uma das mais belas páginas da Comuna, prevendo-se a destruição do caráter de classe do ensino e da escola, assim como a destruição da elitização da universidade. Todavia, o término prematuro da Comuna impediu maiores avanços concretos aos ideais dos comunardos à educação.

¹¹ Erson Oliveira (2002) elucida que para realizar um trabalho inicial nas instituições de ensino, Vaillant criou uma comissão encarregada de ajudá-lo a organizar o ensino primário e profissional de um modo uniforme, e a transformar o ensino religioso em ensino leigo. Assim, reuniram-se professores e pais para estudar o problema e determinar reformas na escola primária. A primeira escola profissional a ser criada seria em um lugar usado anteriormente pelos jesuítas.



Em suma, uma proposta educacional que objetive a garantia de um ensino público, gratuito e de qualidade ainda está distante da realidade de várias sociedades do mundo. O projeto de um modelo educacional igualitário a todos os cidadãos, deixado como herança pelos comunardos é, sem sombra de dúvidas, um grande objetivo a ser alcançado na atualidade por muitos países do mundo, inclusive o Brasil.



Figura 3

4. Considerações Finais

A Comuna de Paris de 1871 idealizou um modelo de educação humanizado, no qual objetivava-se colocar um ponto final nas relações de poder da sociedade ocidental contemporânea. Nessa perspectiva, desejava-se construir, por exemplo, uma sociedade em que homens e mulheres vivessem relações de equidade de gênero. Outra questão importante é que os espaços de arte e cultura passaram a ser disponibilizados e utilizados pelo povo. Assim, a Comuna viveu tanto os ideais da Revolução Francesa, quanto nos deixou um relevante legado de democracia popular. Nesse sentido, é uma temática que



merece um destaque pertinente nos estudos da contemporaneidade, entre as ciências humanas.

Contudo, é de fundamental importância que fique claro que as problematizações e discussões contidas no presente artigo não põem um ponto final nos diálogos sobre o contexto que envolveu a Comuna de Paris de 1871, todavia o objetivo principal desse artigo é o de contribuir um pouco mais para uma reflexão e entendimento acerca do assunto.

Fontes das Imagens

1. <http://4.bp.blogspot.com/-fo1TQOKWtkc/TfYOPRoGwSI/AAAAAAAAArI/rGdXb67OZLc/s1600/comuna20de20paris1.gif>
2. http://www.anarkismo.net/attachments/apr2011/comuna_de_paris_bandera.jpg
3. <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/comuna-de-paris/imagens/comuna-de-paris-3.jpg>

Referências Bibliográficas

- AGUALUSA, José Eduardo. **O Vendedor de Passados**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2004.
- BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989) – A Revolução Francesa da historiografia**. São Paulo: UNESP, 1997.
- BRECHT, Bertolt (1898-1956). **Os Dias da Comuna**. In **Teatro Completo**: vol. 10. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
- COGGIOLA, Osvaldo. **A Comuna de Paris, a escola e o ensino**. IN: ORSO, P.J.; LERNER, F.; BARSOTTI, P. (orgs.). **A Comuna de Paris de 1871: História e Atualidade**. São Paulo: Ícone Editora, 2002.
- COSTA, Sílvio. **Comuna de Paris: o proletariado toma o céu de assalto**. São Paulo: Editora Anita Garibaldi/Editora UCG, 1998.



GONZALEZ, Horacio. **A Comuna de Paris – Os assaltantes do céu.** Coleção tudo é História. 3ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

HOBBSAWM, Eric. **A Era do Capital (1848-1875).** 14ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.

JÚNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. **História: a arte de inventar o passado. Ensaio de teoria da história.** São Paulo: Edusc, 2007.

LOMBARDI, José Claudinei. **A Educação e a Comuna de Paris: notas sobre a construção da escola pública, laica, gratuita e popular.** IN: ORSO, P.J.; LERNER, F.; BARSOTTI, P. (orgs.). **A Comuna de Paris de 1871: História e Atualidade.** São Paulo: Ícone Editora, 2002.

MARQUES, Adhemar; BERUTTI, Flávio; FARIA, Ricardo. **História Contemporânea através de textos.** São Paulo: Editora Contexto, 2003.

MARX, Karl. **A Guerra Civil em França: Mensagem do Conselho Geral da Associação Internacional dos Trabalhadores.** São Paulo: Global Editora, 1986.

MARX, Karl. **O 18 Brumário e Cartas a Kugelmann.** 7ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

MATTOS, Marcelo Badaró. **A Comuna de Paris no Brasil.** Rio de Janeiro: Departamento de História da Universidade Federal Fluminense, p. 105-114. Artigo extraído da Internet: http://www.revistaoutubro.com.br/edicoes/06/out6_09.pdf. Acessado em 15 de setembro de 2010.

OLIVEIRA, Erson M. de. **Comuna e transformações.** IN: ORSO, P.J.; LERNER, F.; BARSOTTI, P. (orgs.). **A Comuna de Paris de 1871: História e Atualidade.** São Paulo: Ícone Editora, 2002.

ORSO, Paulino José. **As Lições da Comuna de Paris para a Educação.** São Paulo: Revista Adusp, 2001.

ROCHE, Daniel. **O Povo de Paris – Ensaio sobre a cultura popular no século XVIII.** São Paulo: Edusp, 2004.

SIEGEL, Jerrold. **Paris Boêmia – Cultura, Política e os Limites da Vida Burguesa:**



1830-1930. Porto Alegre: L&PM, 1992.

VOVELLE, Michel. **A Revolução Francesa explicada à minha neta**. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

Recebido em agosto de 2011.
Aprovado em abril de 2012.
Arte: Diego Meneses